



## *UMA PRINCESA NADA BOBA: UM CONTO DE FADAS NADA BRANCO*



### *UMA PRINCESA NADA BOBA (NOBODY'S FOOL PRINCESS): A WHITELESS FAIRY TALE*

Érika Moreira DIAS  
Universidade Estadual do Paraná, Brasil

Carla KÜHLEWEIN  
Universidade Estadual do Paraná, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | AUTORIA  
RECEBIDO EM 23/06/2023 • APROVADO EM 20/11/2023  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v12i3.950>

---

#### **Resumo**

---

A literatura constitui potencial para contribuir com a formação do imaginário infantil, propagando por gerações e mundo afora os contos e a cultura popular, os quais, por esse motivo, significam muito em nosso tempo e não por acaso são chamados de “clássicos”. Apesar disso, de acordo com Oliveira (2008), é preciso levar em consideração que a literatura infanto-juvenil se configurou historicamente sob um viés eurocêntrico. Desse modo, ao mesmo tempo em que aflora uma tendência, sobretudo a partir da lei 10.639/2003 e seus desdobramentos, inserindo o negro como protagonista na literatura, ela necessita se adequar às necessidades de leitores/ouvintes, com a devida competência temática e estética. Sob esse viés, o enfoque desta pesquisa reside em compreender de que forma a representatividade feminina negra na literatura infantil se constrói a partir dos

elementos africanos e afro-brasileiros presentes na obra *Uma Princesa Nada Boba* (2011), escrita por Luiz Antonio e ilustrada por Biel Carpenter, sobretudo no que diz respeito à caracterização da princesa – europeia e africana – e ao diálogo entre imagem e texto que se promove nessas duas frentes. Para tanto, lança-se o olhar sob a trajetória da imagem do negro na literatura infantil e os dispositivos legais que culminaram na atualização de clássicos, contando com o aporte teórico de Gouvêa (2005), Jaccoudo (2008), Oliveira (2008) e Gonçalves e Silva (2000). Por fim, foi possível compreender de que forma essa narrativa contemporânea se organiza de modo a inserir aspectos capazes de promover o acesso do pequeno leitor à história e cultura africana e afro-brasileira, a partir da inserção de elementos como religiosidade, força da natureza, magia e ancestralidade.

---

## Abstract

---

Literature has potential to contribute to the forming of children's imagination, spreading for generations and the world over the tales and popular culture, which, therefore, mean a lot in our time and are not accidently called "classics". Nevertheless, according to Oliveira (2008), it is necessary to take into consideration that children's literature has been historically set under a Eurocentric view. Therefore, while a trend flourishes, specially since law 10.639/2003 and its developments, inserting the black as a protagonist in literature, it has to adapt to the needs of readers/listeners, with the right thematic and aesthetic competence. With that perspective, the focus of this research is to understand how black female representation in children's literature is built from African and African-Brazilian elements present in the book *Uma Princesa Nada Boba* (2011), written by Luiz Antonio and illustrated by Biel Carpenter, specially regarding the characterization of the princess – European and African – and the dialogue between image and writing on those two fronts. In order to do so, a view is cast upon the course of the picture of blacks in children's literature and the legal apparatus which culminated in the updating of classics, with the theoretical contribution of Gouvêa (2005), Jaccoudo (2008), Oliveira (2008) and Gonçalves and Silva (2000). Finally, it was possible to understand how this contemporary narrative is organized in order to insert aspects which are able to promote the access of the young reader to African and African-Brazilian history and culture, through the insertion of elements such as religion, forces of nature, magic and ancestry.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Cultura afro-brasileira. Contos de Fadas. Princesas Negras. Literatura Infantil.

**Keywords:** Afro-Brazilian Culture, Fairy Tales, Black Princesses, Children's Literature.

---

## Texto integral

---

### Introdução

"Por que eu não podia ser igual a uma princesa?". Essa pergunta é o mote da narrativa em *Uma Princesa Nada Boba* (2011), escrita por Luiz Antonio e ilustrada por Biel Carpenter. A obra conta a história de Stephanie, protagonista imersa na angústia e no desejo de se parecer com uma princesa, porque não se identifica com as que conhecia, de cachos dourados, longos fios escorridos e nariz pontudo. Um

dia, porém, ao jogar pétalas amarelas em um rio nas redondezas do sítio da avó, faz uma grande descoberta através do espelho mágico de Oxum.

De acordo com os estudos de Luciana de Oliveira Dias (2020, p. 8), Oxum é uma divindade oriunda da Nigéria – antigo reino de Ijexá, “cultuada como uma força ancestral que articula dimensões religiosas, é a Orixá do ouro, da beleza, da riqueza e da vaidade. Em suas representações, se veste de amarelo e dourado e usa um abebé (espelho) na mão”. É concebida como a divindade do amor, da beleza e sensualidade e costuma ser associada à maternidade e à fertilidade, também mãe das águas doces, representada por cachoeiras. Em religiões de matriz africana, como o candomblé, é saudada com a expressão “Ora iê iê ô!”.

Além dela, a protagonista conhece várias princesas africanas muito diferentes das que conhecia, tanto pela história quanto pela aparência – assim passa a ser chamada de Odara pelos amigos na escola, depois que conhece a origem do nome pela visita das princesas africanas. A narrativa se inicia com a menina transitando por histórias com protagonistas europeias representadas durante séculos por determinado padrão – enraizadas no imaginário de crianças e adultos – a finaliza com outras, bem diferentes dessas, que lhe permitem estabelecer reconhecimento e pertencimento.

Stephanie não se identifica apenas com os aspectos físicos (cabelo, traços da face e cor da pele), mas também com o comportamento, pois fogem aos padrões eurocêntricos (fragilidade, subserviência e delicadeza) atingindo características mais empoderadas que tendem à luta, força e coragem, como é possível observar no adjetivo do tipo de princesa com o qual ela se identifica, uma “nada boba”. E assim a história se desenrola na dinâmica descoberta/pertencimento do início ao fim.

Como muitas outras narrativas infantis que trazem uma princesa negra como protagonista, esta promove uma espécie de ressignificação de valores, a partir da releitura de personagens presentes em contos de fadas, em especial, as princesas. Isso se deve a uma série de movimentos em prol da questão, a exemplo da lei 10.639/03<sup>1</sup>, que prevê a inserção da literatura afro-brasileira nas instituições de ensino brasileiras. Contudo, é importante resgatar o motivo pelo qual foi necessária a promulgação de uma lei que garantisse a inserção de tais temáticas na literatura e em todo o currículo escolar.

Segundo Cristina Gouvêa (2005), a partir dos anos 80 os livros infantis passaram a receber a inserção massiva de protagonistas negras, porém de forma estereotipada, pois eram descritas a partir de referências culturais etnocêntricas. Desse modo, submetiam tais personagens e o próprio leitor ao embranquecimento, já que as produções dirigiam-se a um leitor modelo que se identificava com “[...] os personagens e as referências culturais brancas, marcando, portanto, um embranquecimento do leitor.” (GOUVÊA, 2005, p. 79). A literatura foi apenas mais um dos meios utilizados no pós-abolição em prol do embranquecimento no Brasil. Abdias do Nascimento (1978) traz à tona a política imigratória utilizada como principal instrumento para embranquecer o país, por meio de um projeto de

---

<sup>1</sup> Altera a Lei N.9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Africana e Afro-Brasileira", e dá outras providências”.

sociedade que se vale de estratégias de genocídio da população negra. Em síntese, promove-se um movimento engendrado por políticas de imigração com o objetivo de aumentar rapidamente a massa ariana, isto é, erradicar o negro do país, ação propagada por teorias racistas que estabeleciam “teses de inferioridade biológica dos negros”, como indica Luciana Jaccoudo (2008, p.45). A autora pontua que tais teses se difundem no país e como ideia central para o desenvolvimento nacional:

[...] a valorização da miscigenação e do mulato continuaram propiciando a disseminação de um ideal de branqueamento como projeto pessoal e social. Sua crítica só ganhou repercussão nas últimas décadas do século XX, quando a denúncia da discriminação como prática social sistemática, denunciada pelo Movimento Negro, somou-se às análises sobre as desigualdades raciais entendidas não como simples produto de históricos acúmulos no campo da pobreza e da educação, mas como reflexos dos mecanismos discriminatórios. (JACCOUDO, 2008, p. 45)

É sob essa perspectiva que se pretende analisar a obra infantil *Uma Princesa Nada Boba* (2011), de modo a refletir sobre seu potencial para desconstruir tanto a ideia eurocêntrica que envolve a figura da princesa quanto para construir uma percepção mais consciente do que seja, de fato, cultura e representação negra (dentro e fora da África). Para isso, conforme salienta Kiusam de Oliveira (2020), é necessário que narrativas como esta revisitem a ancestralidade africana, elemento capaz de contribuir para a “reconexão das crianças e jovens negros com a autoestima ancestral para que se respeitem e respeitem, sobretudo, as tradições culturais africana e afrobrasileira” (OLIVEIRA, 2020, p. 8).

Na obra em questão, tanto no título quanto na composição da ilustração da capa podem-se observar alguns aspectos que desconstróem certos estereótipos europeus dos contos de fadas tradicionais, uma vez que ainda que o rosto da protagonista não seja revelado, as roupas e a sombrinha coloridas possuem estampas que fogem à combinação de cores convencional das vestes de princesas, sugerindo o perfil de uma princesa que foge aos padrões.



**Figura 1:** Capa do livro *Uma princesa nada boba*, de Luiz Antonio e Biel Carpenter.  
**Fonte:** ANTONIO, 2011.

Tendo em vista a importância de histórias que contemplam efetivamente elementos das culturas africanas e afro-brasileiras, capazes de reconstruir de forma saudável a identidade negra “fragmentada pelas vivências racistas” (OLIVEIRA, 2020, p. 8), o enfoque deste breve estudo reside justamente em refletir acerca do modo como se promove essa desconstrução e, ao mesmo tempo, como se constrói o protagonismo negro no diálogo imagético-verbal.

### Princesas negras e os desdobramentos legais

Em princípio, é possível afirmar que o *corpus* deste trabalho se insere no quadro de obras que contribuem para a ruptura de estereótipos referentes ao projeto de branqueamento do país, distanciando-se de um passado escravista que reduz povos africanos e afro-brasileiros à marginalidade. Pensando em produções que vão de encontro a esse estigma, foi realizado um levantamento, com base em catálogos editoriais, de livros de Literatura Infantil afro-brasileira com protagonismo feminino negro, a partir dos seguintes critérios: 1) publicações do século XXI; 2) título do livro com referência à realeza (princesa, rainha ou outro termo equivalente); 3) elementos africanos e afro-brasileiros no título ou na capa do livro.

PRINCESA	AUTOR	ANO	EDITORIA
Doce Princesa Negra	Solange Cianni	1995	LGE
<sup>2</sup> Valentina	Marcio Vassalo	2007	Global
Omo-oba: histórias de princesas	Kiusam Oliveira	2009	Mazza Edições
Minha princesa africana	Marcio Vassalo	2011	Abacatte
Senegal: a caminho da escola	Anna Obiols	2011	Ciranda Cultural
Uma princesa nada boba	Luiz Antonio	2011	Cosac & Naify
Rapunzel e o Quibungo	Cristina Agostinho/ Ronaldo Simoes Coelho	2012	Mazza Edições
Uma história mais ou menos parecida	Marcia Paschoallin	2013	Independente (catarse)
A Princesa e a Costureira	Janaína Leslão	2015	Metanóia
Cinderela e o Chico Rei	Cristina Agostinho/ Ronaldo Simoes Coelho	2015	Mazza Edições
A Princesa e a Ervilha	Rachel Isadora	2016	Farol

<sup>2</sup> Apesar do título não fazer menção a realeza, conforme o critério para as obras selecionadas, optamos por inserir a obra pela narrativa igualmente temática. Valentina é descrita como princesa, filha de rei e rainha e moradora de um castelo, mesmo que tudo isso seja apenas na imaginação dela, pois na verdade a história se passa em uma periferia.

Princesas Negras	Ariane Selestino Meireles Edileuza Pereira de Souza	2019	Malê
Bucala: A Princesa do Quilombo do Cabula	Davi Nunes	2019	Malê
Chapeuzinho vermelho e o boto-cor-de-rosa	Cristina Agostinho/ Ronaldo Simoes Coelho	2020	Mazza Edições
Gabriela: a princesa do Daomé	Marta Rodrigues	2021	Mazza Edições
A bela adormecida do Samba	Sonia rosa	2021	Mazza Edições

**Quadro 1** – Levantamento da figura de princesas negras na Literatura Infantil Afro-brasileira.

**Fonte:** Própria (2021).

O levantamento permite traçar algumas reflexões iniciais importantes: 1) o século XXI contempla um número significativo de obras que inserem elementos africanos e afro-brasileiros no texto e na imagem, sobretudo a partir de 2007; 2) a representatividade feminina é evidente tanto no protagonismo da história como na autoria delas em si. Assim é possível pensar que a literatura pode contribuir com a formação do imaginário infantil, propagando por gerações e mundo afora, os contos e a cultura popular, os quais significam muito e não por acaso são chamados de clássicos. Uma das propostas de definição dos clássicos elucidada por Italo Calvino (1993) dialoga com a mencionada contribuição da literatura na formação do imaginário, para ele, tratam-se de “[...] livros que exercem uma influência particular quando se impõem como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual” (CALVINO, 1993, p. 10-11).

Apesar disso é preciso levar em consideração que, de acordo com Maria Anória de Jesus Oliveira (2008), não só a literatura infantil como também a juvenil se configuraram historicamente sob um viés eurocêntrico, desse modo, ao mesmo tempo em que aflora a tendência de inserir o negro como protagonista na literatura, a partir da Lei 10.639/2003, tais produções necessitam não somente ser adequadas às necessidades de seus leitores/ouvintes, mas também serem realizadas com a devida qualidade estética e temática no tocante às questões étnico-raciais. Ou seja, não basta a inclusão de produções literárias com protagonistas negros(as) sem a devida atenção e o investimento por parte do mercado editorial em obras que versem a respeito.

Tendo em vista o levantamento realizado (Quadro 1) e as obras dispostas que dialogam com essa tendência, especialmente no que se refere às releituras de conto de fadas com o protagonismo feminino negro, percebem-se os ecos da lei e dos demais dispositivos, os quais promoveram a atualização dessas histórias. Contudo vale ressaltar que o caminho até o cenário atual, mesmo para a sanção da referida lei, foi resultado de reivindicações dos movimentos negros. Nesse meio tempo, foi necessário o engajamento de movimentos que revelaram nomes importantes na história da lei, como Abdias do Nascimento, responsável pela criação do Teatro Experimental Negro (TEN), pois acreditava ser possível combater o racismo “[...] por meio de procedimentos culturais e educativos,

restituindo a verdadeira imagem histórica do negro” (GOLÇALVES; SILVA, 2000, p. 148).

Uma das maiores preocupações dos movimentos pró negros, desde os anos 80, voltava-se para a educação, já que, conforme aponta Gonçalves e Silva (2000), a baixa escolarização era um dos principais indicadores da exclusão da população negra e, além disso, o problema da precariedade em que viviam não recaía sobre o negro, pois era um problema de ordem nacional. Assim, sobretudo a partir dos anos 90, começa-se a exigir do Estado políticas de democratização da educação, abrindo espaço para a elaboração de leis e medidas de ação afirmativas.

Já em 1999, subjaz um artigo que reconhece a história e cultura dos negros no Brasil, além desse projeto de lei, outros dispositivos legais promovem a valorização de questões relativas às culturas afro-brasileiras, tal como a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) e dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs, 1997), com a proposta de garantir o direito a todos os estudantes acerca de conhecimentos necessários para o exercício da cidadania plena. Com isso a história da Cultura Afro-brasileira e Indígena passaram a ser contempladas também na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Todo esse movimento na legislação acabou por gerar demanda ao mercado editorial e, conseqüentemente, estimulando a produção de obras literárias com esse fim.

Ao mesmo tempo em que aflora a publicação de obras que seguem essa tendência (conforme indica o Quadro 1), surge a necessidade de uma adequação da literatura às necessidades dos leitores/ouvintes. Para tanto, foi preciso que o mercado editorial promovesse não apenas produções literárias com protagonistas negras e envolvesse questões correlatas, como a religiosidades de matrizes africanas, precisou também investir em publicações e reedições com a devida qualidade estética, temática e promovesse sua circulação. Assim, a pergunta que fica é: nesse quadro de inserção da criança negra como um ser capaz de refletir sobre si e o mundo, dialogar e se identificar com a literatura, qual lugar ocupou (e ainda ocupa) sua imagem nos livros infantis veiculados no Brasil?

### **A criança negra na literatura brasileira infantil**

Acerca da trajetória da imagem do negro nas narrativas infantis, Maria Cristina Soares de Gouvêa (2005) concentra-se no período pós-abolição da escravatura, em que o negro foi marginalizado e permaneceu ausente das cenas sociais e culturais. De acordo com ela, é na modernidade que se inicia a tentativa de seu apagamento, não só em manifestações artísticas, mas também nos grandes centros: pois ele é visto como herdeiro de uma cultura arcaica, ultrapassada e ignorante. No fim das contas, pontua a autora, o que se pretende, em termos de progresso no país, é a substituição dessa cultura por um modelo europeu. Procura-se, assim, eliminar o corpo negro, suas práticas e história relegadas a um passado escravocrata e que precisa ser apagado.

No entanto, a partir das discussões que se delinearam no período moderno, quando se inicia efetivamente a busca pelo popular, tradicional, local e histórico, surge um novo olhar sobre o país, o qual culmina em reflexões acerca da brasilidade, isto é, uma compreensão de nação como identidade própria. Assim

ocorre uma mudança de cenário: a imagem do negro na literatura infantil é transformada. Dessa vez, com o intuito de afirmar a raça, o que se produz em termos de literatura caminha para a inserção dos negros, porém de maneira estereotipada – aparecem em posições subalternas e subservientes ao branco, reforçando o modelo escravocrata. Dessa forma, “excluído do projeto de modernização, e afirmado estereotipicamente em sua identidade cultural constituidora da brasilidade, o negro assumia um espaço mítico ao longo da narrativa, negado em sua concretude, mas reificado e folclorizado no imaginário literário” (GOUVÊA, 2005, p. 84).

Em suma, até a década de 1920, personagens negros ou ficam segregados das narrativas ou reduzidos ao passado escravocrata. Ao mesmo tempo, contudo, observa-se um movimento (ainda que tímido) de inseri-los na literatura, por meio de uma “visão temática racial endereçada ao público infantil” (GOUVÊA, 2005, p. 89). A pesquisadora ressalta ainda que, nas primeiras duas décadas do século XX, a nacionalização torna-se tema, mesmo sob influência da visão ufanista e europeizada. Assim, tendo em vista a cultura elitista vigente, que exclui segmentos da população (negros, mestiços, indígenas), questionamentos nesse sentido se fortalecem.

Apesar disso, Gouvêa (2005) salienta que as obras literárias voltadas ao público infantil, nesse período, também buscam o diálogo com temas como brasilidade, inaugurando a tentativa de contemplar temáticas referentes ao patrimônio cultural do país, inclusive questões raciais, as quais passam a ser exploradas nas obras escritas entre 1920 e 1940, com a inserção de personagens negros como protagonistas. Assim, principalmente a partir da década de 1930, a literatura começa a ser pensada de maneira a resgatar uma identidade cultural, linguística e racial.

Tais produções são marcadas por contadoras de histórias – na maioria das vezes pretas velhas –, o que dá a impressão de certa retomada de traços da cultura negra, como a oralidade, no entanto elas eram “associadas à ingenuidade, ao primitivismo, apresentando uma estereotipia e simplificação características” (GOUVÊA, 2005, p. 83). Nessa perspectiva folclorizada das raízes nacionais, serviam “como depositários de uma tradição situada no passado, a ser registrada e resgatada através da Literatura Infantil.” (GOUVÊA, 2005, p. 89). Mas ainda que não ocorra uma ruptura com “[...] um modelo de submissão e subserviência”, há “a incorporação mitificada do negro como parte constitutiva da cultura nacional, representante de tradições e costumes que confeririam identidade ao país” (GOUVÊA, 2005, p. 90), o que é possível, na perspectiva dela, somente a partir do embranquecimento.

Heloisa Pires Lima (2009) pontua que, no final dos anos 1980, as editoras passam a incluir nos catálogos de livros voltados ao público juvenil, contos e lendas bem ilustrados, cuja temática fazia referência à cultura africana... Tal iniciativa incentiva o surgimento de uma demanda sem precisão de fonte étnica, mas que, “[...] apesar de fragmentados, foram capazes de preservar certa riqueza cultural” (LIMA, 2009, p.102). Se no século XX a tônica na Literatura Infantil recaía ora sobre o embranquecimento ora sobre a europeização, no seguinte o enfoque é outro. Para a autora, a partir de século XXI, propicia-se aos leitores menores de

idade um repertório de leituras de contos e fábulas africanas, o que corrobora para a consolidação de memórias culturais.

Lima (2009, p. 102) discorre também sobre o projeto editorial de integração do repertório “alusivo ao mundo africano”, que se encaminha para a desconstrução de antigos preconceitos, buscando nas culturas orais africanas (contos, fábulas e lendas), discussões acerca da educação e da importância do ensino da diversidade. A pesquisadora aponta para a tendência de uma das vertentes que busca superar a associação do negro com a escravidão: ampliar a representação de elementos referentes à religiosidade, força da natureza, magia africana e ancestralidade, os quais podem ser observados em *Uma Princesa Nada Boba* (2011).



### Uma princesa em (des) construção

Tendo em vista o movimento editorial que se articulou no tocante à alusão ao mundo africano, com vistas à desconstrução do racismo estrutural, o *corpus* do presente trabalho dialoga com essa tendência, na medida em que explora aspectos da cultura oriunda de África e da diáspora brasileira e os organiza em uma estrutura similar à do conto de fadas. Essa articulação pode ser vista como estratégia para atender às novas demandas no campo da literatura infantil, conforme explicitado anteriormente. Uma vez que a releitura de um texto originalmente clássico promove uma atualização de valores, *Uma princesa nada boba* se coaduna com o novo *modus faciendi*, o qual, segundo Nelly Novaes Coelho (1987, p. 7), “tenta reencontrar as fontes originais da vida e da humanidade através dos escombros daquela racionalidade<sup>3</sup>, que foi brilhante e hoje está esclerosada”.

A pesquisadora caracteriza essa “nova literatura” pelas relações que estabelece entre a perspectiva racional/cientificista e a mágico-poética, dinamizando o imaginário e reconhecendo a necessidade de sua atualização, de modo que “o maravilhoso, o imaginário, o onírico, o fantástico... deixaram de ser vistos como uma pura fantasia ou mentira, para ser tratados como portas que se abrem para determinadas verdades humanas” (COELHO, 1987, p. 8). Em outras palavras, a literatura se transforma para atender às novas demandas na sociedade.

Uma maneira de promover essa atualização é a releitura, capaz de mobilizar diferentes temáticas a partir de narrativas clássicas. Assim, é possível inovar inserindo temas que nem sempre foram tendência e prioridade, mas que se tornam (por um motivo ou outro) essenciais. Nesse sentido, fica clara a relação entre as narrativas e o viver humano e, por esse motivo, a fascinação que os contos de fadas exercem, já que, a partir da identificação, o leitor se projeta na história de modo que anseios, obstáculos e vitórias dos protagonistas se tornam também lutas travadas por ele, estimulando a autorrealização, ainda que no plano imagético.

É ao conjunto dos fenômenos de identificação, reconhecimento e projeção, produzidos pelos contos de fadas que se lança o olhar sob *Uma Princesa Nada Boba* (2011), no intuito de compreender de que forma essa releitura contemporânea se

---

<sup>3</sup> Diz respeito à ordem racional e progressista, a qual representa a lógica tradicional herdada, que se defronta com a nova ordem denominada mágico-poética, descoberta pela Arte, ou cibernética, descoberta pela Ciência. (COELHO, 1987, p. 7)

organiza, promovendo o acesso do pequeno leitor, sobretudo de meninas negras, à história e cultura africana e afro-brasileira e sua decorrente identificação.

De acordo com Oliveira (2020), o racismo estrutural precisa ser combatido e desconstruído por meio da compreensão das contribuições de negros e indígenas para a constituição do país, isto é “a diversidade precisa ser vicenciada e experimentada no seio de onde ela se processa [...] para que as pessoas comecem a desconstruir o imaginário hegemônico e racista com relação a tudo o que vêem sobre negros e indígenas” (OLIVEIRA, 2020, p. 7). A esse respeito, busca-se identificar a inserção de elementos apontados por Lima (2009), tais como: religiosidade, força da natureza, magia africana e ancestralidade, no intuito de compreender de que forma essa obra pode contribuir para a formação de um cidadão crítico e consciente das questões sociais, culturais e raciais.

Logo nas primeiras linhas da narrativa: “Por que eu não podia ser igual a uma princesa? Só queria que alguém me explicasse. Por isso andava nas bordas.” (ANTONIO, 2011, p. 1), a protagonista revela não se considerar uma princesa, e por esse motivo, vive em busca de explicações. No entanto, no início da história, não revelam com clareza o motivo dessa inquietação, fato confirmado já na capa do livro (Figura 1). Além de Stephanie aparecer de costas com uma blusa amarela de manga longa, saia branca estampada em detalhes vermelhos até os joelhos e uma meia calça listrada, destoando das roupas monocromáticas e pomposas das princesas europeias veiculadas pela indústria cinematográfica, ela segura um guarda-chuva que esconde a cor da pele, o cabelo e o rosto.

A opção pelo mistério pode causar diferentes efeitos no leitor, ainda mais por tratar-se de um conto de fadas (como o próprio título sugere com o emprego de termo “princesa” referente à realeza); assim é convidado a buscar no seu imaginário as referências às princesas que conhece, normalmente loiras, magras, de olhos claros e traços finos. Essa esfera misteriosa se mantém no diálogo entre texto e ilustração enquanto a menina permanece alheia a sua identidade – situação representada por meio da protagonista debaixo do guarda-chuva – até se iniciar outro momento da história, conforme se nota na seguinte imagem:



**Figura 2:** Ilustração de Biel Carpenter.

**Fonte:** ANTONIO, 2011, p. 4.

A ilustração não revela características físicas, pois a personagem está totalmente coberta por roupas e um guarda-chuva, representando a própria insegurança da menina em se revelar, sobretudo no seguinte trecho: “Mas sempre chovia na minha cabeça. E ela transbordava: Por que eu não podia ser igual a uma princesa?” (ANTONIO, 2011, p. 8). A chuva, presente nas oito primeiras páginas do livro, opera como uma metáfora aos questionamentos insistentes que se repetem e intrigam a menina.

Somente depois disso é que Stephanie revela o motivo por não se parecer uma princesa: “Por que eu não podia ser igual a uma princesa? Cachinhos dourados. Longos fios escorridos. Narizinho pontudo.” (ANTONIO, 2011, p. 5). Nesse momento, a chuva cessa e o olhar da personagem sobre si a coloca em contraste com as princesas de seu repertório imaginário, o que para ela se impõe como um obstáculo aparentemente insuperável, uma vez que as características físicas que possui são distintas das princesas europeias que conhece. O desejo de se parecer com uma é revelado em atitudes cotidianas como ir à escola: “As aulas estavam acabando. Rezei. Quero voltar para a escola com cabelo de princesa, rosto de princesa roupa de princesa.” (ANTONIO, 2011, p. 9).

Essa busca pela representatividade revela um aspecto fundamental para compreender o não pertencimento da personagem, cuja sensação provém da construção de um país moderno pautado em teses de inferioridade biológica dos negros, disseminadas ao longo dos séculos e ainda latentes em produções literárias com viés eurocêntrico, especialmente nos contos de fadas. Uma das maiores referências dessas histórias na contemporaneidade são perpetuadas pela indústria cinematográfica e a mídia em geral, as quais, de certo modo, impedem o imaginário infantil de visualizar meninas negras em espaços não subalternos, mas fazendo parte da realeza. Por esse motivo Stephanie, no ímpeto de se ver como uma princesa, reza para ter características físicas de meninas brancas.

Tal momento da narrativa perpassa questões relativas à Democracia Racial que, segundo Guimarães (2001) trata-se de uma ideologia apontada pelos movimentos negros como racista, fruto de um mito fundador da nacionalidade, uma vez que, no Brasil, os brancos tinham pouca ou quase nenhuma consciência racial. Conforme salienta Joel Rufino dos Santos (2016), esse é um assunto delicado, pois os livros didáticos se acostumaram a situar o negro e os indígenas no passado, reduzindo-os à situações negativas e pitorescas, perspectiva que, de certa forma, se mantém no discurso de professores, museus, políticos e estudiosos do assunto em geral.

Em *Uma princesa nada boba*, até visitar a avó, a protagonista parece não ter tido contato com a cultura africana e afro-brasileira, uma vez que não tinha em seu repertório imagético nenhuma figura da realeza com a qual se identificasse de fato. Ainda que tratada com certa sutileza, a questão da identidade pode ser pensada também sob a perspectiva do ambiente escolar – lugar onde, por determinação da lei, tais questões deveriam ser abordadas – que, no entanto, parece estar distante de cumprir com esse papel. Tanto que Stephanie aprende sobre sua própria cultura e ancestralidade somente quando se afasta da escola.

Não por acaso, a narrativa muda de cenário assim que menina viaja para o sítio da avó, nas férias, conforme se observa na ilustração parcial de seu corpo:



**Figura 3:** Ilustração de Biel Carpenter.

**Fonte:** ANTONIO, 2011, p. 11.

Além da revelação da cor da pele de Stephanie, que já não está mais de meia calça, o dia chuvoso dá lugar a tons amarelados que sugerem dias ensolarados. Além disso, no lugar do guarda-chuva, ela segura uma rosa. Porém, o rosto e os cabelos ainda não aparecem.

O sítio da avó se transforma para a neta em um lugar de conforto e acolhimento e que, mais adiante, se revela essencial para a resposta às indagações da menina: “O colo de minha avó eram minhas férias. Naquele janeiro, fui para o sítio. A minha casa tem guarita. Portão eletrônico, cachorro. O sítio tem mato, rio, sapos.” (ANTONIO, 2011, p. 10).

A história segue com Stephanie conversando com a avó que, ao percebê-la triste, prepara um banho de folhas: “Minha avó me deu um banho, Cantando enquanto jogava água em mim. No balde, muitas folhas. A água tinha perfume e carinho.” (ANTONIO, 2011, p. 11). Nesse trecho percebe-se a tessitura poética com que são abordados aspectos referentes à religiosidade de matriz africana. De acordo com Barboza *et. Al* (2021), “o uso das plantas nas comunidades afro-religiosas constitui-se como prática indispensável não apenas para a realização dos rituais, celebrações de festas, como também no repertório que envolve cuidados do corpo e da alma” (BARBOZA *apud* AZEVEDO, 2014, p. 148), além disso, “os vegetais possuem importante papel, representando a função de mediadoras entre dois planos de existência: o mundo dos vivos e das representações físicas; e o mundo do sobrenatural (BARBOZA, *et al.* 2021 *apud*, ALBUQUERQUE E ANDRADE, 2005, p. 148).

Assim, durante os dias em que passa no sítio, Stephanie compartilha com a avó o desejo de ser uma princesa. Nesse momento, a avó pede que a menina durma com vestes brancas e que, no outro dia, leve pétalas amarelas ao rio. A partir desse instante, as ilustrações começam a revelar o corpo completo da menina:



**Figura 4:** Ilustração de Biel Carpenter.

**Fonte:** ANTONIO, 2011, p. 13.

Ainda que Stephanie seja retratada de costas (Figura 4), os braços e pernas já não estão mais cobertos, pois, dessa vez, a pedido da avó, usa um vestido branco que destaca sua pele negra. É importante verificar nesse momento da história a presença de aspectos culturais afro-religiosos. Para Santos (2021, p.1), “o ato de vestir-se, perpassa a simples noção de beleza, sendo mantedor da perpetuação, tradição, costumes, cultivo da memória ancestral, fortalecimento da cultura imaterial na diáspora.”. Há também a sinalização a um código expressivo, que contempla o axé, pelo qual se observa “[...]a valorização do sagrado para além das necessidades materiais ou condições financeiras, uma vez que a fé perpassa por essa questão.” (SANTOS, p. 17), uma vez o mistério se dá nas entrelinhas, ou seja, exalta-se o sagrado e perpetua-se a memória ancestral.

Seguindo as recomendações da avó, Stephanie vai ao rio jogar pétalas amarelas, momento no qual identifica-se um aspecto muito importante: a força da natureza. No decorrer da história, todas as descobertas da menina ocorrem de forma mágica no sítio da avó, tudo isso é proporcionado pela conexão com a natureza. Quando Oxum aparece, coberta de ouro, e apresenta seu Abebé (espelho) à Stephanie, perguntando-lhe “qual princesa você quer ser?”, a própria ilustração reforça a consumação da busca pela identidade:



**Figura 5:** Ilustração e texto referentes ao momento em que Stephanie recebe o Abebé de Oxum.

**Fonte:** ANTONIO, 2011, p. 17-18.

Esse momento é bastante importante na narrativa, pois é a partir do Abebé de Oxum que as princesas surgem e contam suas histórias. É dessa forma que Stephanie conhece: Oyá, Nzinga Mbandi e a tataravó de Stephanie, a qual foi princesa de Ketu e também comerciante na Bahia. Ainda que as descobertas sejam um tanto reveladoras para a menina, ela estranha a aparência das princesas: “Eram tantas. E quando aparecia uma delas no Abebé, eu ouvia suas histórias na minha cabeça. Elas eram diferentes das princesas que eu conhecia. Não só pelos cabelos, vestidos, castelos. Eram inteligentes, E nada bobas.” (ANTONIO, 2011, p. 18). Além disso, se intriga também com a personalidade de cada uma delas:

Oyá foi uma princesa das terras onde hoje é a Nigéria, na África. Viveu por volta do ano 1400 antes de Cristo. Não tinha medo de nada, nada, nada. E virava búfalo quando queria. Desde quando princesa faz tudo sozinha? Ou tem superpoderes? E não teme nem mesmo a morte? (ANTONIO, 2011, p. 19)

Duas dessas princesas, refletidas no Abebé, contemplam (como em momentos anteriores da narrativa), a cultura afro-religiosa, pois tratam-se de Orixás; Oyá e Oxum: “deuses que receberam [...] a incumbência de criar e governar o mundo, ficando cada um deles responsável por alguns aspectos da natureza e certas dimensões da vida em sociedade e da condição humana” (PRANDI, 2020, p. 3).

Oyá equivale a Yansan, nome dado à divindade no Brasil, “uma deusa à qual é dedicado o rio Níger e que, por isso, é chamada de Odo Oya, o rio de Oya” (VERGER *apud* CROWTHER, 1999, p. 385), cuja marca são os tornados e as tempestades, que indicam seu descontentamento, além de “Duas espadas e um par de chifres de búfalo representam a imagem de Oya” (VERGER *apud* JOHNSON, 1999, p. 388). Trata-se de uma caçadora poderosa, que caçava animais selvagens. Quanto à Oxum, segundo Verger (1999, *apud* RODRIGUES, 1935 ), no Brasil, é a

orixá das fontes e dos lagos, considerada a segunda mulher de Xangô (a primeira é Oyá). Durante as danças em rituais religiosos, os adeptos de Oxum a saúdam com a expressão “Ore ye yeo” (VERGER, 1999, p. 399) e a representam como uma mulher vaidosa, elegante, que banha-se no rio, está coberta de colares e pulseiras, e se contempla em um espelho.

Ambas estão representadas em *Uma princesa nada boba* de modo a suscitar questões referentes à religiosidade e à magia africana, uma vez que surgem como heroínas e é justamente sua presença impactante e empoderada que contribui para que a protagonista encontre sua própria identidade e dela se apodere.

Na mesma toada outras princesas se apresentam, como Nzinga Mbandi e a tataravó de Stephanie, uma rainha de Ketu. Se de um lado Oxum e Oyá fazem parte do plano das divindades africanas, da religiosidade e da mitologia, de outro Nzinga e a tataravó são o retrato de luta e resistência do continente africano e também na diáspora brasileira.

Cruz e Silva (2012, p.38) indicam que Nzinga Mbandi, sob o viés histórico e imaginário, teve uma “brilhante carreira como diplomata e soberana, como guerreira e estratega. Testemunhos da época [...] atestam o seu esforço e a sua tenaz oposição à dominação, sejam em relação ao rei do Kongo, quanto em relação aos portugueses.”. Rainha de Matamba e de Angola, viveu em uma época de profundas transformações políticas, econômicas e sociais na África Central Ocidental no século XVII, era a figura de maior relevância do processo angolano: “[...] na África bantu não era comum, em sociedades tipicamente machistas [...] uma mulher com intrepidez, sagacidade, capacidade diplomática e sem conceitos feministas, dirigir um Estado, papel reservado tradicionalmente aos homens” (KWONOKA, 2012, p. 60).

No caso da representação da tataravó da protagonista, princesa de Ketu, apresentada como uma grande comerciante na Bahia, observa-se a responsabilidade, o cuidado e a qualidade da descrição detalhada no texto e na ilustração:



**Figura 6:** Ilustração da tataravó de Stephanie, princesa de Ketu e comerciante baiana.  
**Fonte:** ANTONIO, 2011, p. 21.

Ela é descrita pelo autor como uma princesa: “Eu vi a avó da minha avó. Princesa, vinda de Ketu. Negociando, conversando, resistindo e juntando muita gente na Bahia” (ANTONIO, 2011, p. 21). Esse momento traz à luz a ancestralidade africana, a qual, devido o processo transculturador da colonização, sofre tentativas de apagamento na diáspora brasileira. Conforme os estudos de Missiato (2021), quando os africanos sequestrados de seus países de origem chegam ao Brasil, crenças, língua, nomes e familiares são forçadamente retirados e negados pelo homem branco e a cultura europeia, tornando difícil o conhecimento e pertencimento ancestral das próximas gerações que, em detrimento das oposições da colonização “[...] não se sabe de qual lugar de África vieram, a qual reino pertenciam, quais foram as principais lutas de seus ancestrais, como seu povo se organizou e construiu sua política milenar.” (MISSIATO, 2021, p. 2). Nesse sentido, o texto literário e a ilustração promovem uma espécie de reconto, pois essa mulher que já foi princesa de Ketu, é narrada e ilustrada como uma comerciante da Bahia, usando trajes de baiana e resistindo. A obra revela, assim, tratar-se da história de ilustres figuras femininas, que lutaram contra invasões, que foram princesas e comerciantes, negando, assim, o reducionismo a um passado escravocrata.

Nesse contexto, a narrativa tende a romper com ideais ligados a contos de fadas tradicionais, calcados no estereótipo de princesas europeias frágeis, à espera de um príncipe que as salve do perigo. Em *Uma princesa nada boba*, as princesas negras são empoderadas, guerreiras e belas, aspectos potencializados pelo efeito estético que a literatura proporciona e que pode se reverter na identificação e no consequente empoderamento de pequenas leitoras.

As descobertas promovidas pelo Abebé de Oxum culminam em um *happy end* bem diferente. Nessa narrativa, o maior obstáculo da protagonista é se parecer com uma princesa, em termos de características físicas (cor da pele, cabelo e traços), e com a mediação do espelho, a salvação da princesa fica por conta da relação identitária que a protagonista estabelece com as novas experiências de vida. Assim o livro se encerra de uma forma bem diferente da convencional: “Ué? Uma princesa que não fica chorando à espera de um príncipe?” (ANTONIO, 2011, p. 20). Por fim, Stephanie assume-se de fato uma princesa e, ao retornar à escola, conta tudo o que descobriu para os colegas e pede que a chamem de Odara: “Eu me chamo Odara. Nome de princesa nada, nada boba.” (ANTONIO, 2011, p. 25).



**Figura 7:** Ilustrações de Biel Carpenter.

Fonte: ANTONIO, 2011, p. 25.

Se antes a personagem se orgulhava de se chamar Stephanie com P e H, agora assume o nome que carrega o peso de sua ancestralidade (Odara), que de acordo com Nei Lopes (2014), é uma palavra iorubá utilizada em expressões e cânticos afro-brasileiros, que significa tudo que é bom, bonito e positivo.

A ilustração acima, por fim, revela todas as características físicas da menina. Ao final da narrativa, Stephanie aparece retratada ao lado da colega Ana, a qual, a partir da história contada pela protagonista, também se reconhece nas princesas negras, e passa até a sonhar em ser Nzinga quando crescer: “Na volta às aulas, chamei a Ana e contei tudo. Ela disse que queria ser Nzinga quando crescesse.” (ANTONIO, 2011, p. 25).



**Figura 8:** Ilustração de Biel Carpenter.

Fonte: ANTONIO, 2011, p. 27.

Como pode-se observar na ilustração e texto acima, Ana também é uma personagem negra, desse modo, as descobertas de Stephanie ultrapassam os

limites de encontro com sua própria identidade, cultura e ancestralidade, pois auxiliam também no empoderamento de sua colega, que se identifica com a história das princesas que se apresentaram pelo reflexo do Abebé de Oxum. Esse ponto da narrativa dialoga com as discussões de Joice Berth (2019) acerca do empoderamento, o qual, segundo ela, trata-se de um processo coletivo que rompe com estruturas opressoras com um conjunto de estratégias necessariamente antirracistas. Desse modo, a narrativa se encerra de modo que “Indivíduos empoderados formam uma coletividade empoderada e uma coletividade empoderada, conseqüentemente, será formada por indivíduos com alto grau de recuperação da consciência do seu eu social [...]” (BERTH, 2019, p. 36 ).

### Às Odaras do mundo

Compreender a trajetória da inserção do negro na literatura infantil permitiu lançar olhar especial ao protagonismo feminino negro em releituras de contos de fadas. Para tanto, foi preciso trazer à luz os dispositivos legais responsáveis por tornar obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira que culminam na inserção dessa temática não só no setor educacional, mas também no mercado editorial.

Em *Uma Princesa nada Boba* (2011), investigou-se de que forma essa obra se compromete com as questões arroladas, perpassando aspectos dos contos de fadas, porém não se restringindo a eles, pelo contrário, buscando romper com estereótipos euro-etno-cêntricos com os quais o pequeno leitor provavelmente está acostumado a se deparar nesse tipo de texto.

Ademais, o livro se coaduna com o desafio da literatura infantil brasileira em contemplar a representação efetiva da identidade e cultura africana e afro-brasileira. Afinal, as descobertas de Stephanie, por intermédio das princesas e suas respectivas histórias de luta, inicia-se na identificação estética da menina com tais figuras e culmina no empoderamento coletivo, que vai do não pertencimento e recusa de si à configuração consciente de “uma princesa nada boba”.

A potência desse livro, portanto, está em permitir que pequenos leitores floresçam suas Odaras e passem a incluir em seu repertório de leitura histórias de princesas diferentes das clássicas europeias. Pois é uma releitura que não realiza, grosso modo, um embranquecimento dos contos de fadas, mas uma narrativa calcada na inserção de aspectos africanos e afro-brasileiros significativos como: religiosidade (orixás, banhos de folhas, oferendas de rosas amarelas à Oxum, indumentária), ancestralidade (diálogos da personagem com a avó e a visita de uma ancestral que foi princesa de Ketu); magia africana (histórias de princesas através do Abebé de Oxum) e força da natureza (descoberta nas redondezas de um lago – além dos orixás serem forças da natureza, é a partir dela que a magia acontece). Enfim, *Uma princesa nada boba* é um conto de fadas nada (nada) branco.

---

### Referências

---

ANTONIO, Luiz. *Uma Princesa Nada Boba*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

AMARILHA, Marly. Infância e literatura: traçando a história. *Revista Educação em questão*, v. 11, n. 2, p. 126-137, 1999.

BARBOZA, Myrian Sá Leitão et al. “Sem as plantas a religião não existiria”: Simbologia e virtualidade das plantas nas práticas de cura em comunidades tradicionais de terreiros amazônicos (SANTARÉM, PA). *Nova Revista Amazônica*, v. 9, n. 3, p. 147-165, 2021.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 10.639*, de 09 de janeiro de 2003. Brasília, DF.

BRASIL. *Lei n. 11.645*, de 10 de março de 2008. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, 2008.

BERTH, Joice. *Empoderamento*. São Paulo: Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

CALVINO, Italo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

COELHO, Nelly Novaes. *O conto de fadas: As fadas estão de volta...* São Paulo: Ática, 1987.

DE OLIVEIRA, Kiusam. Literatura negro-brasileira do encantamento e as infâncias: reencantando corpos negros. *Feira Literária Brasil-África de Vitória-ES*, v. 1, n. 3, 2020.

DIAS, Luciana de Oliveira. Reflexos no Abebé de Oxum: por uma narrativa mítica insubmissa e uma pedagogia transgressora. *Articulando e construindo saberes*, Goiânia, v. 5, e63860, 2020. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/racs/article/view/63860>. Acesso em: 20 out. 2022.

FIGUEIREDO, Luciana Araujo. *A criança negra na literatura brasileira: uma leitura educativa*. Educação e Fronteiras, v. 2, n. 4, p. 200-200, 2012.

GOUVÊA, Maria Cristina Soares de. Imagens do negro na literatura infantil brasileira: análise historiográfica. *Educação e pesquisa*, v. 31, p. 79-91, 2005.

GONÇALVES, Luiz Alberto Oliveira; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves. Movimento negro e educação. *Revista brasileira de educação*, p. 134-158, 2000.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. Democracia racial: o ideal, o pacto e o mito. *Novos Estudos Cebrap*, v. 61, p. 147-162, 2001.

JACCOUD, L. Racismo e República: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In: THEODORO, M. (Org.). *As políticas públicas e as desigualdades raciais no Brasil 120 anos após a abolição*. Brasília: IPEA, 2008.

LIMA, Heloisa Pires. Entre a orelha, a língua e a mão: a origem africana para o leitor infantil e juvenil. *Scripta*, v. 13, n. 25, p. 93-108, 2009.

LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. São Paulo: Selo Negro Edições, 2014.

MISSIATTO, Leandro Aparecido Fonseca. Memoricídio das populações negras no Brasil: atuação das políticas coloniais do esquecimento. *Revista Memória em Rede*, v. 13, n. 24, p. 252-273, 2021.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Literatura Afro-Brasileira Infante-Juvenil: enredando inovação em face à tessitura dos personagens negros. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ABRALIC: TESSITURAS, INTERAÇÕES, CONVERGÊNCIAS, 11., 2008, São Paulo. *Anais...* São Paulo: USP, 2008. p. 1-9.

OLIVEIRA, Kiusam. Literatura negro-brasileira do encantamento e as Infâncias: reencantando corpos negros. *Feira Literária Brasil -África de Vitória-ES*, Espírito Santo, v. 1., n. 3, p. 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/flibav/article/view/29029>. Acesso em: 20/04/2023.

VERGER, Pierre. *Notas sobre o culto aos orixás e voduns na Bahia de Todos os Santos, no Brasil, e na antiga costa dos escravos, na África*. São Paulo: Edusp, 1999.

PRANDI, Reginaldo. *Mitologia dos orixás*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

SANTOS, Roberto Lima. O guarda-roupas de candomblé: ancestralidade, devoção e tradição afro-brasileira. *Anais ABRACE*, v. 21, n. 1, 2021.

SANTOS, Joel Rufino. *A questão do negro na sala de aula*. São Paulo: Global Editora, 2016.

---

## Para citar este artigo

---

DIAS, Érika Moreira; KÜHLEWEIN, Carla. Uma princesa nada boba: um conto de fadas nada branco. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 12, n. 3, p. 75-94, set.-dez. 2023.

---

## Autoria

---

**Érika Moreira Dias** é mestranda em Literatura e construção de Identidade (UEM) e possui graduação em Letras - Português pela Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR). E-mail: [erikaa\\_dias100@hotmail.com](mailto:erikaa_dias100@hotmail.com); ORCID iD: <https://orcid.org/0009-0004-9596-1804>.

**Carla Kühlewein** é doutora em Literatura e Vida Social na Unesp (Assis), mestre em Teoria Literária e Literatura Comparada pela mesma universidade (2004) e Graduada em Letras Vernáculas e Clássicas pela UEL (1998). Atualmente é professora colaboradora na Unespar (Apucarana), onde leciona as disciplinas de literatura no curso de Letras e metodologia em Pedagogia. Atua na área docente desde 2007, com experiência no Ensino Fundamental II, Médio e Superior. É fundadora e editora-chefe do site [www.leiturinhas.com.br](http://www.leiturinhas.com.br), espaço virtual dedicado à divulgação e incentivo à leitura da Literatura Infantil. Em 2012 publicou o livro infantil TRIM! (em parceria com Andreia Zanutto Salviato). E-mail: [carlak.literatura@gmail.com](mailto:carlak.literatura@gmail.com); ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-8937-8581>.